

KALUNGANO (pseudónimo de Marcelino dos Santos.

Lumbo, 20/5/1929)

Em 14 de Janeiro de 1950 publicava o jornal o Brado Africano, uma carta enviada de Lisboa por um jovem estudante moçambicano em que se lia: «(...) Há dois anos que me encontro aqui, em Portugal. Tenho constatado que o jornal se tem transformado lentamente (leio avidamente). É claro que o jornal é o exemplo. É por isso que devemos trabalhar juntos. É necessário que nos instruíamos, cultivemos, eduquemos, para que o nível de vida e cultura se eleve; é necessário que os interesses particulares se subordinem aos interesses gerais colectivos. (...)» A carta era assinada por Marcelino dos Santos, então com 20 anos, e anunciava, já, o «tom» combativo e convicto que caracterizaria o militante político. Ela terá sido, porventura, o anúncio da que assim se iniciava uma vida dedicada à causa da luta anticolonial e do nacionalismo.

Dessa vida opõem, talvez, dizer que emergem dois desdobramentos: o da luta e acção directas que conduzem à participação na fundação da FRELIMO e estamos com Marcelino dos Santos: o da assumpção de uma personalidade poética radicada nas formas particulares de manifestação estética produzidas sob o impacto de crescente nacionalismo africano e encontramos com Marcelino dos Santos/Kalungano. Desta forma se conjugam o real e o imaginário, representados de tal forma que difícil será distinguir o ideólogo do poeta.

«Não é que as coisas sejam fáceis
mas também não é ser fácil
que é essencial.

O girassol gira com a luz
e isso não é fácil e é belo. (...)»

Sintomaticamente, a produção poética de Kalungano/ Marcelino dos Santos, foi praticamente ignorada em Moçambique, durante a dominação colonial. Com alguns (escassos) poemas publicados nos anos 50, no jornal O Brado Africano, a sua voz seria interdita até à vitória sobre o colonialismo português.

Em Portugal figurou nas duas antologias publicadas pela Casa dos Estudantes do Império, em 1960 e 1962. Depois foi o silêncio.

Foi o mundo progressista quem veio a conhecer e di-

vulgar mais profundamente este poeta surgido de África, não da África exótica das manifestações gratuitas e folclóricas, mas de uma África nova que lutava pela sua libertação. É deste modo que são publicados, em várias línguas, alguns títulos que mostraram ao mundo a expressão poética da revolta e da luta que em Moçambique se travava contra o colonialismo português. Assim nascia a imagem do poeta combatente: *Zdes'itrava roditzia Krasnoi* (Aqui o capim nasce vermelho) Moscovo 1967, *Modern literatures of subsharan Africa*, Praga, 1969; *Vuur en ritme* (Fogo e ritmo), Amsterdão, 1969; *Poesia Africana di rivolta*, Beri, Itália, 1969, são alguns



dos exemplos de como a poesia de Marcelino dos Santos/Kalungano foi divulgada.

Pelo papel relevante que desempenhou na história do Movimento de Libertação, em África, e da FRELIMO, pela ligação profunda que a sua obra poética estabelece com essa história, Marcelino dos Santos/Kalungano ocupa um lugar particular na literatura moçambicana. Por isso, é de fundamental importância que essa obra esteja à disposição dos estudiosos em edição crítica e anotada, com as referências necessárias à sua compreensão e inserção histórica.

A AEMO, numa iniciativa louvável promoveu a publicação do conjunto dessa obra, sob o título *Canto do Amor Natural* (23/6/85).

Contudo e até hoje, por razões que se prendem com — supomos — a falta de cuidado posta na preparação da edição do livro, este aguarda saída a público. Trata-se de uma tarefa lamentável que não dignifica a literatura moçambicana. Esperamos que seja reparada a tempo. Como do Amor Natural não é um mero produto de evasão metafísica ou de recolhimento doirado de poeta em torre de marfim. É o resultado directo de uma experiência dolorosamente vivida e transformada em saga. Os textos poéticos de Marcelino dos Santos, tal como os de outros poetas moçambicanos que enraizaram a sua obra na Luta de Libertação Nacional, são parte da história da Nação Moçambicana e, como tal, têm de ser tratados.

NOTA BIOGRÁFICA

Marcelino dos Santos nasceu no Lumbo, em 20 de Maio de 1921. Seu pai era operário dos CFM e durante os anos 50 fez parte da direcção do Jornal O Brado Africano. Após ter concluído o ensino secundário, segue em 1947 (?) para Portugal, a fim de fazer estudos universitários. Em 1951, partiu para Paris, tendo frequentado as Universidades de Grenoble e Sorbonne. Em 1959, em virtude do seu intenso trabalho na luta anticolonialista, é expulso da França. Em 1961, encontra-se em Marrocos, onde funda, com outros intelectuais revolucionários, a CONCP (Conferência das Organizações Nacionalistas das Colónias Portuguesas) de que é eleito Secretário-Geral. É, também, nomeado Secretário das Relações Exteriores da UDENAMO. Em 1962, torna-se membro fundador da FRELIMO da qual assume os cargos de Secretário das Relações Exteriores, membro do Conselho de Presidência e Vice-Presidente. Com a constituição do Partido Frelimo, em 1977, é eleito Membro do Comité Político Permanente, que mais tarde se passou a designar como Bureau Político do Comité Central. Desde 1977 exerce as funções de Secretário da Comissão Permanente da Assembleia Popular. Em 25 de Setembro de 1980, foi-lhe atribuída a patente de Major-General. Foi condecorado com as medalhas «20.º Aniversário da Fundação da FRELIMO», «Veterano da Luta Armada de Libertação Nacional», «Ordem 25 de Setembro de 1.º Grau» e o título honorário «Herói do Trabalho da República Popular de Moçambique».

Foi galardoado com o prémio LOTUS, da Associação dos Escritores Afro-Asiáticos, e MIRSU TURSUM ZADE, da União dos Escritores Soviéticos e do Comité Soviético da Solidariedade com os Povos da África e da Ásia.

Canto do amor natural

No lento balancear
Das palmeiras
Torcendo-se em movimentos melancólicos
Eu canto-te o meu amor

No saltitar contente
Dos peixes trazidos nas redes
Dos homens que vêm do mar
Eu canto-te o meu amor

Na lua que vem
Escutar o Tam-Tam
A voz de meus irmãos
Eu canto-te o meu amor

No chirico traquino
Cantando o sol
Nas gotas de suor do meu dorso nu
Eu canto-te o meu amor

Brincando nos ramos
Das mangueiras e dos cajueiros
Na ânsia de colher o fruto mais alto
Eu canto-te o meu amor

Correndo nos caminhos
Brincando com uma bola de meia
E uma enxada nos campos de milho e amendoim
Eu canto-te o meu amor

Nas correntes
Que me prendem os pés, as mãos e a voz
E cerram o lírio/vermelho do meu coração
Eu canto-te o meu amor

Quando vendido às minas do Transvaal, pelos SENHORES
Eu volto em cada grão de poeira de carvão
Eu canto-te o meu amor

Quando o meu corpo
Se confunde com o cimento
E as casas e as estradas são da cor do meu sangue
Eu canto-te o meu amor

Quando cada moeda
Caindo nos cofres da CIVILIZAÇÃO
É o grito de uma mãe chorando a morte do seu filho
Eu canto-te o meu amor

II

E pela força desse mesmo amor

Ó Moçambique meu país bem amado
Ó minha terra querida

Que séculos de escravidão
Foram impotentes para calar o teu coração!

Que séculos de escravidão
Apenas tornaram mais forte a torça da tua razão

Eu ergo o meu braço

E forte de humano ódio
Daquele que não quer ser escravo porque é HOMEM

Empunharei de novo a minha lança

E destruirei esse monstro
Que engendrou homens
Cujas existências não tem amanhãs humanos

Esse monstro
Que criou homens inimigos do HOMEM

Esse monstro
Que no desespero da sua agonia
Absorve ainda o sangue quente
das suas últimas vítimas

III

O Moçambique meu país bem amado

Os teus filhos
Entoam já este canto
Que percorre a África inteira

Este canto
Nascido do ódio
À escravatura à fome e à miséria

Este canto de Esperança

Este canto de Certeza

Este canto do Amor Natural.
Marcelino dos Santos

Paris, Maio de 1953